



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESPÍRITO SANTO

1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**MARILENE APARECIDA PEREIRA**

**SITE DIÁLOGOS VIRTUAIS  
MULHERES QUILOMBOLAS: PADARIA MULHERES QUILOMBOLAS  
UM EMPREENDIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO FEMININO**

**VITÓRIA  
2021**



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
<b>PADARIA MULHERES QUILOMBOLAS – UM EMPREENDIMENTO ECONÔMICO SOLIDÁRIO .....</b>	<b>07</b>
GÊNERO COM COR E TERRITÓRIO .....	08
<b>A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO PEDRO .....</b>	<b>09</b>
QUILOMBOS E QUILOMBOLAS NO BRASIL.....	18
<b>RACISMO.....</b>	<b>19</b>
FEMINISMO NEGRO .....	25
<b>INTERSECCIONALIDADE.....</b>	<b>30</b>
<b>(IN) CONCLUSÕES DO CAMINHO .....</b>	<b>34</b>
CONHEÇA A AUTORA DO SITE.....	35
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>

## **INTRODUÇÃO**

A presente proposta se constitui como mais uma etapa do projeto de pesquisa Mulheres Quilombolas: caminhos que emergem da participação solidária.

A ideia, sistematizada em um site informativo, surge a partir do diálogo a respeito da experiência de pesquisa, cujas sujeitas são mulheres quilombolas. A partir disso, estabelecemos reflexões por meio das experiências de vida e formadoras dessas mulheres, que se apresentam através do trabalho de geração de renda realizado por intermédio do agenciamento da Associação de Pequenos Produtores Quilombolas da Comunidade de São Pedro e Região, localizada na zona rural de Ibirapu/ES. Através da citada associação, as mulheres desenvolveram um Empreendimento Econômico e Solidário de panificação, denominado “Mulheres Quilombolas”.

A metodologia utilizada foi a história oral temática. Acreditamos que, para compor a identidade das mulheres quilombolas que participam do trabalho associado, seja essencial compreender as suas narrativas, que podem emergir das suas falas, dos relatos a partir das memórias e outros aspectos que estamos em busca de identificar.

A internet é uma fonte imensurável de recursos que podem ser utilizados pelos usuários que buscam informação e conhecimento (VANTI, 2002). A obtenção dessas informações e conhecimentos pode ocorrer de diversos meios, inclusive pelas redes sociais. Assim, o uso das Tecnologias da Informação (TI) e Tecnologias da Comunicação (TC) tornaram-se imprescindíveis, principalmente diante do contexto da Pandemia de Covid 19, tendo esta atravessado o desenvolvimento de nossa pesquisa. Nesse âmbito, assim tudo que foi planejado para acontecer de maneira presencial teve que ser reelaborado e ganhar novo formato. Dessa maneira, a metodologia de história oral temática que adotamos sofreu grande prejuízo. As visitas presenciais que estavam previstas para a coleta de material, entrevistas e trabalho de campo foram em número reduzido, impossibilitando a ampliação do número de entrevistadas entre outros prejuízos.

Para o desenvolvimento do site, buscamos atender os objetivos e específicos.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Aumentar o conhecimento a respeito das comunidades quilombolas do Espírito Santo por meio do viés do trabalho associado desenvolvido por mulheres da Comunidade Quilombola de São Pedro, em Ibirapu/ES.

### **Objetivos Específicos**

Promover aproximação conceitual que contribua com o pensamento antirracista; Apresentar o conhecimento a partir de autoras negras e autores negros para entender o racismo a partir de seus pensamento dos mesmos; Explanar conteúdos com abordagem das comunidades quilombolas em contexto do Estado do Espírito Santo e em contexto brasileiro; Expor o conhecimento a partir de autoras negras com foco em Educação Feminista, trazendo conteúdos que propiciem conhecer as pautas políticas do Feminismo Negro; Apresentar conteúdos que tratem de interseccionalidade

### **PÚBLICO ALVO**

O ambiente virtual aqui apresentado se trata de espaço criado para a utilização de militantes, pesquisadores, estudantes, professores e pessoas que se interessem pela temática, sendo o uso por estudantes recomendado a partir do Ensino Médio.

Inicialmente, o conteúdo apresentado no site foi distribuído em dez (10) áreas de interesses, denominadas “caminhos”. Ainda sobre o produto educacional, diferentemente da dissertação, este admite um estilo próprio quanto à forma. Assim, no site, os interessados terão contato com conteúdos no formato de textos, livros, charges, fotos e vídeos, que podem ser utilizadas de forma individual ou coletiva. Os caminhos a serem percorridos no site, portanto, seguem-se:

1. Padaria Mulheres Quilombolas – um Empreendimento Econômico e Solidário
2. Gênero com cor e território: a condição das mulheres negras rurais e seus obstáculos para ampliação da comercialização
3. A comunidade quilombola São Pedro em Ibirapu e as sujeitas de nossa pesquisa  
- As mulheres lideranças na comunidade são pedro e as colaboradoras na Padaria Mulheres Quilombolas
4. Quilombos e quilombolas no Brasil

- Pesquisas, livros e outros conteúdos autores do Espírito Santo

5. Racismo

6. Feminismo negro

- Feminismo Negro – as norte americanas

- Feminismo Negro – autoras mais conhecidas no brasil

- Feminismo negro - as brasileiras

7. Interseccionalidade - as pensadoras

8. (In) conclusões do caminho

9. Conheça a autora do site – Marilene Pereira

## **APRESENTAÇÃO DO SITE**

Apresentaremos agora o trabalho concluído, denominado “Padaria Mulheres Quilombolas - Um Empreendimento Econômico Solidário”. Criamos o endereço do site (<<https://sites.google.com/view/dilogosvirtuais/apresenta%C3%A7%C3%A3o?authuser=2>>) com uma sequência didática, para que todos possam acessar, conhecer e fazer uso. Para além disso, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação são ferramentas que possibilitam a troca de conhecimento, criando a possibilidade da utilização dessas ferramentas como possibilidades pedagógicas e de difusão de conteúdos capazes de colaborar com práticas feministas e antirracistas.

Na abertura, localizada na parte superior do site, através do menu é possível escolher qual tema se quer conhecer, podendo interagir com os conteúdos. Os conteúdos presentes neste site visa um público diversificado, com diferentes níveis de aprendizado e formações, moradores de diversas localidades e com interesses diferenciados, haja vista que os caminhos possibilitam diferentes níveis de aprendizagens e conteúdos.

Nesse ambiente virtual, serão disponibilizados conteúdos organizados em sequência didáticas, que podem ser utilizados de diversas formas, como material para grupos de estudos, utilizados por professores em sala de aula, discussões em lives, estudos individuais, entre outros. Neste cenário, não se faz necessário a figura do mediador, pois quem está interagindo no site escolhe o caminho que gostaria de percorrer.

No site, os caminhos encontram-se numerados, indicando que há uma sequência de estudos ou de informações. A cada caminho, temos os tópicos, pensados para facilitar e trazer

dinamismo aos temas abordados. Na aba mais, é possível conhecer os caminhos que estão ocultos na parte inicial.

Existe, em cada caminho, um texto explicativo sobre o conteúdo proposto, podendo também conter um vídeo, links para artigos e outras informações. Tudo na intenção de criar maneiras diversificadas para ampliar o conhecimento de quem interage com o site.

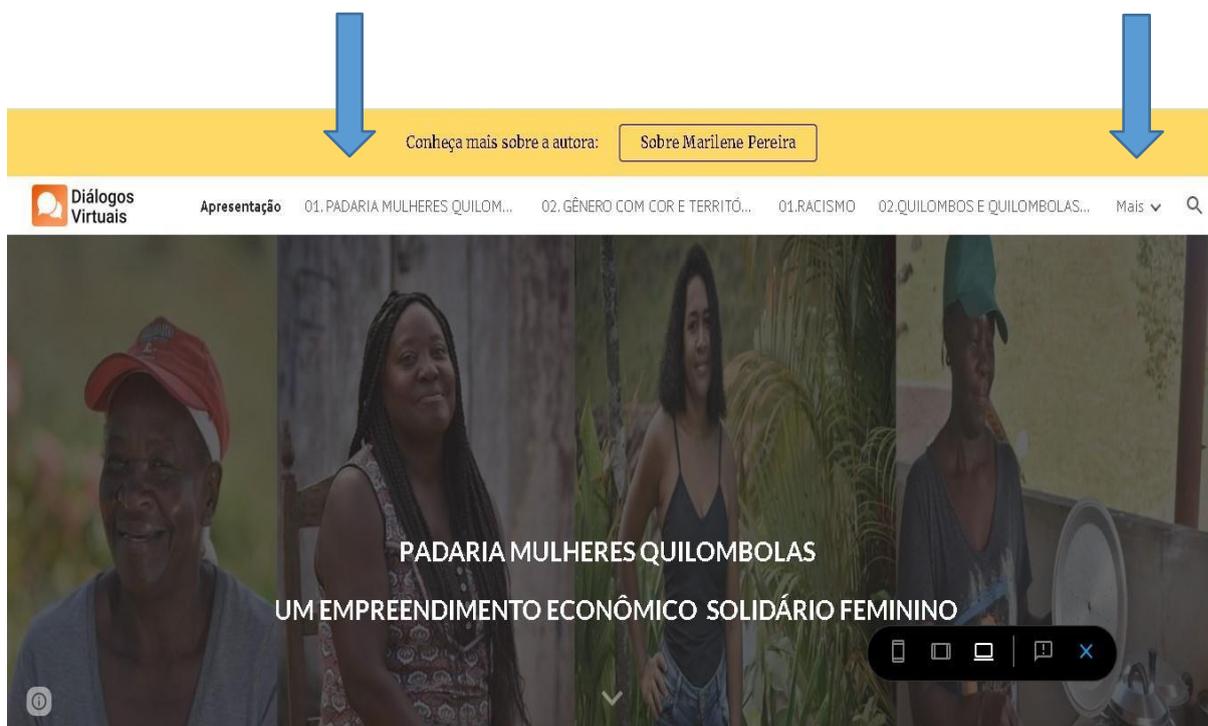


Figura 01: Abertura do site.

Fonte: <<https://sites.google.com/view/dilogosvirtuais/apresenta%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>>. Acesso em: 07 Set. 2021.

A página de apresentação, traz um resumo da proposta do site e apresenta os caminhos que estão disponíveis para navegação e interação com conteúdos.

Padaria Mulheres Quilombolas – Um Empreendimento Econômico e Solidário é o primeiro caminho apresentado, no qual trazemos contribuições pensadas para ser de leitura, com uma linguagem mais aproximada as de usuários de internete, ou seja, sem a rigidez acadêmica contida em uma pesquisa de mestrado. **Neste sentido, usamos termos como “vamos refletir?”, “você conhece?” “Vamos conhecer?” e “Quem é? entre outros.**

## A PADARIA MULHERES QUILOMBOLAS E EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS



Foto: Produção de biscoitos na Padaria Mulheres Quilombolas

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

A experiência de organização das mulheres quilombolas, voltada para a inclusão sócio-produtiva na comunidade de São Pedro, em Ibirajú/ES é uma experiência de geração de renda feminina, que se constituiu em um empreendimento solidário formado por mulheres, atuando na produção de massas (pães, biscoitos e macarrões) chamada "Padaria Mulheres Quilombolas".

As mulheres da comunidade em suas narrativas contam sobre a criação da Padaria Mulheres como sendo uma iniciativa de estímulo externo, principalmente do Incaper e da Deputada Estadual Luzia Toledo. Desta maneira, deixam evidente a participação de agentes internos e externos atuando para a constituição da Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola São Pedro e Região e da própria padaria.

Após a criação da padaria as mulheres receberam doações de equipamentos para panificação e posteriormente cursos de massas para iniciarem a produção de pães, biscoitos e macarrões. Esse processo de doações de equipamento e a iniciativa de formação para o trabalho não aconteceu de maneira rápida. As mulheres relatam que demorou um tempo, que as mesmas ficaram sem saber ao certo como iniciar a produção e vivenciaram momentos de insegurança. A formação para o trabalho serviu para a motivação das mulheres que tomaram a decisão de iniciar a produção e dar encaminhamento a processos organizacionais permitindo a participação em feiras e comercialização com a Prefeitura Municipal de Ibirajú. A referida prefeitura foi a

A primeira a comprar os biscoitos e macarrões produzidos e distribuí-los na alimentação escolar do município de Ibirajú.

## OS DESAFIOS DAS MULHERES NEGRAS EM CONTEXTO RURAL



Figura 01: Marly Vicente, demonstrando produtos que a comunidade tem plantação de cana. Fonte:

<<https://sites.google.com/view/dilogosvirtuais/apresenta%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>>. Acesso em: 07 Set. 2021

## VOCÊ CONHECE A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO PEDRO?

A comunidade São Pedro, presente nesta pesquisa, encontra-se localizada em uma região serrana do Estado, estando a 700 m de altitude em um caminho muitas vezes íngreme e difícil para quem faz o percurso de carro de passeio.



Na referida região, é desenvolvido um circuito turístico religioso chamado “Caminhos da Sabedoria”<sup>1</sup>. As mulheres da comunidade dizem que muitos turistas compram os seus produtos e que a existência desse circuito turístico contribui para a manutenção da comercialização delas, mas infelizmente, por conta da pandemia de Covid-19, os passeios turísticos foram interrompidos.

A comunidade se encontra localizada em um lugar bem peculiar, fazendo divisa com três municípios predominantemente de colonização europeia, como italianos, suíços, alemães, pomeranos e austríacos. Entre estes, está a comunidade estudada, de outra nacionalidade. São os descendentes de negros vindos escravizados do continente africano, tendo como vizinhos ou moradores mais próximos os descendentes europeus.

Para o deslocamento das 20 famílias que moram na comunidade, alguns quilombolas possuem veículos automotivos (carros e motos) que possibilitam ir ao centro de Ibiracu e outras localidades. Durante a pesquisa, constatamos que a maioria das pessoas que vivem na comunidade faz o seu trajeto cotidiano a pé, já que não existe transporte público na região e os

<sup>1</sup> O circuito turístico tem o nome de “Caminhos da Sabedoria” um roteiro idealizado pela igreja católica e pelo mosteiro budista em Ibiracu de Ibiracu com a finalidade de diálogo entre o Budismo e o Cristianismo que possibilita a peregrinação espiritual por igrejas e capelas da região.

moradores não utilizam de serviços de táxi ou Uber. Na maioria das vezes, valem-se das relações de parentesco existentes entre as famílias para a troca de favores relativos à busca de compras, materiais para a lavoura e idas a outras regiões.

A subida da serra que leva a comunidade é toda em meio à natureza, onde ficamos encantados com a paisagem de Mata Atlântica, que por muitas vezes se mistura às plantações de eucalipto, uma monocultura explorada por grandes empresas de produção de celulose sendo geradora de muitos conflitos em regiões quilombolas nas diversas comunidades quilombolas no Espírito Santo.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais Apresentação 01.RACISMO 02.QUILOMBOS E QUILOMBOLAS... 03. QUILOBOLO SÃO PEDRO 04.FEMINISMO NEGRO Mais ▾

As plantações de eucalipto já geraram muitos conflitos em regiões quilombolas nas diversas comunidades quilombolas no Espírito Santo. Uma monocultura explorada por grandes empresas de produção de celulose.

## AS MULHERES LIDERANÇAS NA COMUNIDADE SÃO PEDRO E AS COLABORADORAS NA PADARIA MULHERES QUILOMBOLAS

Foto: Abertura do Caminho 04 – As Mulheres da Comunidade Quilombola São Pedro e as Colaboradoras na Padaria Mulheres Quilombolas  
 Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais Apresentação 01.RACISMO Mais ▾



Foto: Odeth Maria Paulo Aleprandi é liderança quilombola na Comunidade São Pedro, em Ibiracu-ES, e coordenadora da Padaria Mulheres Quilombolas.  
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora – Fotógrafo Fernando Madeira, julho 2021.

Odeth nasceu na Comunidade Quilombola São Pedro e tem 63 anos. Sempre viveu na comunidade e diz que sua família é uma família de mulheres “*a família nossa é mais de mulher. Oito mulher e um homem. Só tem um homenzinho (rsss)*”. Constituiu a sua própria família. Casada, tem dois filhos e um neto. Seus filhos já são casados e moram fora da comunidade. O seu marido é de origem italiana e Odeth afirma que o seu casamento contribuiu para a superação das brigas entre italianos e negros dentro da região de São Pedro, em Ibirapu. Ao ser questionada a respeito de seu casamento, afirma que “*como casal, abrimos caminho para o casamento inter-racial, hoje presente em outras famílias da comunidade. Com o nosso casamento, parte das terras dos italianos passaram a ser terras de pretos também, agora terras quilombolas*”.

Tanto o pai, quanto a mãe de Odeth foram lideranças na comunidade, e ela hoje segue os caminhos que, principalmente, a sua mãe lhe ensinou, já que seu pai João Paulo Vicente morreu quando ainda era adolescente. Sua mãe, Maria Isabel Vicente, é sua grande referência, em se tratando de liderança na comunidade. Odeth fala da falta que ambos fazem em sua vida:

*[...] Nossa, meu pai e minha mãe faz muita falta, tá? Meu pai morreu com 40 anos. Deixou nós tudo pequenininho. A mais velha era eu que tinha quinze anos. Faz muita falta, tá? Foi uma luta pra nós, eu e mamãe criar o restante das crianças. Nós trabalhava só em duas, eu e ela! Pra dar comer a esse monte de criança. Nós limpava... porque antigamente isso aqui antes tudo era dos Monfradine, aí nós pegava esses pasto tudinho aí menina, nós limpava esses trem tudo de enxada pra dar de comer a esse monte de criança fez muita falta, tá? Agora minha mãe também morreu. Uma falta medonha. Meus pais eles foram liderança Que antigamente, eles cantavam reis, né? E meu pai tocava. Aí depois parou o reis, ficou a banda de congo. Mamãe também. vixe, mamãe, era mais ela que liderava tudo. Juntava o povo, todo mundo. Nós ia pra tudo quanto é lugar, menina! Nós já fomos parar com banda de congo lá em Vitória! Vitória, São Mateus, Fundão, Ibirapu nós ia pra tudo quanto é lado! Aí, foram morrendo os mais velho, morrendo os mais velho aí os mais novo Gabatia interesse mesmo, né? Aí ficou mais assim, aí nós faz festa aqui, nós vão em Gabatia, se tiver pra Piaba, nós vão em Piaba, Ibirapu nós vão em Ibirapu no desfile de 7 de setembro nós vamos pra participar do desfile, nós não pára não, vão pra todo lugar! [ ] (Odeth, entrevistada em 09/09/2019)*

Atualmente residem, na comunidade, parentes mais velhos de Odeth, como o seu tio Jaci Vicente e Bosco, que não se envolvem muito nas questões de liderança da comunidade, pelo fato de serem evangélicos. Dessa maneira, depois deles, ela é a mais antiga moradora da comunidade.

Foi através do conhecimento dos mais velhos que Odeth relata ter noção do que vinha a ser o preconceito racial desde pequenininha.

[...] *Ah, os avós nossos que falavam de preconceito. Eles falavam muito. Eles explicavam onde as comunidades que discriminavam as pessoas. É desde pequeno mesmo que a gente sabe disso. Só de nós chegar na igreja dizer que escureceu... Deus me livre! Era muito feio um negócio desses, tá? Ah, mudou depois que acabou aquela escravidão que acabou, as coisas de escravos, aí mudou. Porque quando nós ia nas festas, isso era lá na Lombardia lá. Que eles via nós, nós falava... que nós ia aquele monte, era muita gente, era muito menina, aí eles gritavam de lá: \_ escureceu! Ó, aquilo era um tapa na cara, né? Aí nós peguemo brigar com eles também... e depois que acabou esse negócio de escravo o pessoal ficava com medo. Aí tratam nós muito bem. Nossa, nós chega em qualquer lugar somos bem visto. Você precisa de ver.* [...](Odedth, entrevistada em 09/09/2019)

]

A sua inserção no trabalho se deu através da lavoura, e demonstra as marcas gênero, raça e classe.

[...] *A lavoura sempre fez parte da minha vida desde adolescente. Desde 15 anos, que eu comecei a trabalhar na roça. Sempre lavradora. Eu saí um pouco. Fui trabalhar na casa de uns patrão meu que tinha embaixo ali, o Vaninho, que era os mesmo que davam as coisa pra nós, mas aí era roça mesmo. Eu cozinhava, eu levava comida pra roça, eu lavava roupa, eu cuidava de animal, era roça mesmo. Sempre fui lavradora, nunca fui outra coisa, até iniciar o trabalho na padaria. Hoje sou a presidenta da Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola São Pedro e Região e coordeno a Padaria Mulheres Quilombolas. [...]* (Odedth, entrevistada em 09/09/2019)

A partir de agenciamentos já mencionados, a associação recebeu orientação, aporte técnico e maquinário doados para iniciar uma troca de conhecimento entre as mulheres. Assim, começaram a fazer pães, biscoitos e massas para vender, tudo isso após a comunidade quilombola ser certificada e ter a titulação das terras. A esse respeito, Odedth fala sobre os benefícios de ser uma comunidade titulada, depois de um longo período de reivindicação de quilombolas de todo o Brasil.

[...] *“Ah, menina, foi uma coisa maravilhosa. Porque nós era uma comunidade esquecida. Era assim, sobre prefeito, nós era esquecido. Mas depois que nós formamo a comunidade quilombola, nossa que benção, nós ganhamo tanta coisa! Nós ganhamo girico, nós ganhamo essas máquinas de padaria, agora nós tem um carrinho ali, veio de lá também, né? Lá do governo. Aí agora veio as casa, pra nós. Aqueles que sai d’agua lá. Tudo isso nós ganhamo”.*[...] (Odedth, entrevistada em 09/09/2019)

Questionada sobre o que é ser uma liderança quilombola, responde que *“Ah, uma liderança é a gente juntar o povo, né? E ficar tudo unido, fazer igual... reunião, fazer as coisa*

*todo mundo junto. É muito bom tá? Uns que é assim mais devagarzinho, mas a gente vai puxando prum lado, vai puxando pro outro, que dá certo.”*

Com o objetivo de conhecer o significado da padaria para as mulheres quilombolas, interpelamos Odeth, obtendo a resposta de que *“foi uma beleza, né? Porque a gente só fica trabalhando, panhando café pros outros, vai lá, vem pra cá, pra lá e pra cá, e aí, é um serviço que a gente tem ali. A gente não precisa tá andando. Já fica ali dentro trabalhando. Prá nós foi uma beleza”*.

A entrevistada demonstra ser muito responsável em relação à associação e à padaria, deixando transparecer preocupação com o futuro do empreendedorismo. Para ela, é essencial

*[...] que todas as mulheres aprendam cada ve mais o trabalho e sejam capacitadas para fazer todos os trabalhos: “olha, gente, vocês toma mais providência porque é morrer e viver, eu falei. Que depois ceis vão arrumar o quê, se não sabe fazer nada? Se você falar assim com elas: \_Ó, pega essa massa, pega essa ali, mede a massa, bota na máquina, faz isso, faz aquilo, bota na máquina, quando pensa que não entra num ouvido sai no outro. E aí eu tenho que tá ensina, ensina”. Emerge o papel da liderança quilombola “ah, uma liderança é a gente juntar o povo, né? E ficar tudo unido, fazer igual... reunião, fazer as coisa todo mundo junto. É muito bom tá? Uns que é assim mais devagarzinho, mas a gente vai puxando prum lado, vai puxando pro outro, que dá certo”. (Odeth, entrevistada em 09/09/2019)*

O orgulho do trabalho na padaria se faz notório em sua fala:

*[...] Eu fico porque eu não quero que vai coisa ruim pros outros. Quero que vai coisa boa. Aí eu fico em cima direto. O pessoal gosta, tá? Aqueles pão que eu faço caseiro, faço cada um desse tamanho assim. Cada um pão bonito! Aí eu pedi o rapaz pra consertar o forno, aí ele vai adaptar o forno, tem de passar o pãozinho e tem de ter o vapor. Aí, ele não tem. Aí ele vai adaptar o forno, agora. Nessa outra padaria que eles tão fazendo, pra nós começar a fazer a coisa. [...] xxx*

Quando perguntada se acredita que se empoderou mais depois que iniciou o trabalho na padaria, Odeth afirma: *“É, isso é mesmo! Porque vocês mudaram, um pouco no olhar da... Nós mudamos no olhar do povo. Aí mudou mais um pouco.”*

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais 

vista, vocês, vocês não acham que isso poderia ser um empoderamento? É, isso é mesmo! Porque vocês mudaram, um pouco no olhar da... Nós mudamos no olhar do povo. Aí mudou mais um pouco.



Foto: Marly Aparecida Vicente é liderança quilombola da Comunidade São Pedro, em Ibirapu-ES, e também atua na Padaria Mulheres Quilombolas.

Fonte: [https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Marly Aparecida Vicente tem 55 anos e quatro filhos. Nasceu na comunidade e nunca viveu em outro lugar. Os pais foram liderança na comunidade.

*O nome do meu pai é João Paulo Vicente e ele morreu eu tinha cinco anos. Ele teve problema de estômago. Aí levaram ele pra Maruípe lá, e lá mesmo eles o enterraram. O nome da minha mãe é Maria Isabel Vicente. A mamãe, tadinha, a mamãe foi guerreira, tadinha. Aí criou nove filhos, meus padrinhos ajudaram, ela ficou acamada por dois anos. Não aguentou e morreu. A minha mãe foi uma liderança na comunidade. Assim... que ela corria atrás das coisas junto com a gente, né? Ela ficava observando as coisas, ajudando a gente a colocar as coisas tudo em ordem, né? Prá não deixar a comunidade assim, largada. Portanto, quando ela morreu, ela pediu a Valdirene, só tava Valdirene nessa hora, pra não deixar acabar, o que ela trabalhava tanto, tanto, pra botar assim as coisas assim no lugar, né?*

*Hoje eu também sou liderança na comunidade porque eu gosto de, assim, organizar as coisas, né? Num deixar tipo, a peteca cair, como o povo fala, né? Eu gosto de tudo... Ó, igual lá na igreja, esses dias a gente mesmo, nós mesmo vamos calçar a igreja, vamos limpar, vamos se reunir, um pouco de gente, pra nós deixar tudo em ordem a igreja.*

*Essa comunidade não tem escola quilombola. Ali tem uma escola que é da Vale, né? A vale fez uma escola ali, na comunidade. As crianças mais nova estudaram ali. Mas não era de quilombola.*

*Eu estudei até a quarta série e as boas lembranças são gente brincava, a gente balançava assim. Na mata tinha um balanço grandão, né? A gente balançava. Tinha fruta, a gente corria na frente pra pegar, mixirica, muito bom foi.*

*A escola era misturada com gente da comunidade e gente de fora. Também tenho lembrança ruim. Eles, os de descendência italiana chamavam a gente de nego, preto, macaco, nós batia. Batia muito. Porrada mesmo! A gente dava porrada neles de doer mesmo. Mesmo que a gente era pequenininho mas sentava pedra, mas batia mesmo, porque a gente foi muito maltratado. Uma hora tinha essa convivência na escola. Tinha uns... tinha uns que era descendência de alemão, eles eram muito bão! Brincava com a gente também, a gente ficava na casa deles, né? E eles nas nossa casa, da mamãe. E ficava tudo misturadinho. Brincando, a gente comia, é...tinha umpé de... tinha vários pés de ingá, né? Ingá, oiti, tinha tudo! Banana, que eles vinha pra cá era muita raça de coisa que nós tinha. Era milho, que eles não plantava milho, mas nós plantava aqui pra trás, ó! E aí eles pegava e vinha comer, fazer papa, comermilho cozido, eles gostava de ficar. Ah, é! Sabe o quê? Tapioca, beiju... e a gente também ia pra casa deles brincar. Os xingamentos era racismo. Nossa Senhora! Xingava muito nós de macaco. Às vezes quando a gente ia até nas festas lá de Lombardia, a gente era muito maltratado... Deus me livre! Era demais, menina! Eles oiava prá gente assim no dedinho, eles oiavam pra gente assim e falava: \_ Íiiii, vai chover! E como também me chamava de... porque o tempo tava escuro, a gente que era escuro, né? E elas falava que ia chover.*

*Eu sou lavradora. Aprendi a ser lavradora com a minha mãe. Por que, eu estudava, né? Aí, quando papai morreu... a gente ia estudar, aí papai morreu, mamãe levava nós, não tinha como deixar, né? Aí levava nós tudo pra roça. Aí a gente via ela trabalhando sozinha tadinha, aí a gente pegava e ia capinar também junto com ela. Capinar, ajudava ela. E ela ia passando, ela ia falando. Ela falava que gostava de... a roça, tinha que tá limpinha, pezinho do eito! Limpo mesmo. Roçadinho, primeiro roçadinho, aí depois começava a limpar pra cima. Tinha que ficar tudo muito organizado. E ela plantava arroz, milho, mandioca. A gente teve café, hoje eu cortei, mas esse ano se Deus quiser vou plantar de novo. Mandioca, milho, aipim, é...chinês, um monte de coisa.*

*O desejo de trabalhar na padaria das mulheres quilombola é porque chegou os maquinários pra gente, e aí ficou até difícil a gente trabalhar, porque não tinha dinheiro mesmo, não tinha. Aí, o meu filho Whashington: \_ Tinha Deth, eu vou cortar um pedaço de eucalipto ali da gente mesmo, da comunidade, e vou dar pra senhora entrar lá padaria pra trabalhar. Aí foi que a gente conseguiu entrar lá dentro, pra trabalhar.*

*O que significa a padaria na minha vida é tudo, né? Porque sai um dinheirinho dali pra gente, né? É um trabalho diferente. Porque estava acostumada na lavoura. É diferente, e é até bom. Distrai a cabeça da gente ali, cê entendeu? É muito bom. Passa o tempo que a gente nem vê. Trabalhando mesmo. Porque trabalha, tá? Tem dia, quando é pra fechar mesmo o pedido das coisas, a gente vai até as sete né, Janaina? A gente já chegou até 8 horas, a fechar, né?*

Conheça mais sobre a autora: Sobre Marilene Pereira

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais ▼ 🔍



Foto: Valdirene Paulo é uma liderança na Comunidade quilombola São Pedro, em Ibiraja-ES, e também ajuda na Padaria Mulheres Quilombolas.

Fonte: [https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Valdirene Paulo tem 52 anos, não tem filhos e atua profissionalmente como Agente de Saúde na comunidade, e também na Padaria Mulheres Quilombolas. É filha caçula de João Paulo Vicente e Maria Isabel Vicente, sendo irmã de Odeth e Marly. Valdirene relata que “*durante dois anos, eu cuidei da minha mãe que ficou acamada*”.

Em seu percurso escolar, Valdirene concluiu o ensino médio, o que possibilitou que prestasse concurso para trabalhar como Agente de Saúde. “*Eu tive o curso, uma prova pra poder tá entrando pra ser agente, desde 2003 eu sou agente*”. As condições de mulher negra nascida e criada em comunidade quilombola rural fizeram com que Valdirene experenciasse o trabalho na lavoura também:

*[...] mas já trabalhei em outras atividades também. Já trabalhei muito panhando café pros outro, capinando para fazendeiro, e depois fui fazer queijo. E depois, aí que eu passei a ser agente de saúde. Agente de saúde. E essa agora que eu tô, né? Essa, ser agente de saúde, né? Levar a informação para o povo. Muito bom.*

Atualmente, Valdirene também é participante da Padaria Mulheres Quilombolas.

No que tange ao seu processo de escolarização, emergem lembranças boas e ruins:

*Algumas lembranças da escola são boas. Sim, muitas lembranças boas. Ah, estudar, brincar, dar aula pra outros alunos meus. Muito bom. A experiência escolar é porque a gente graças a Deus aprendeu muitas coisas boas, né? Devido que a mãe já ensinava em casa, e a gente também aprendia muita coisa boa na escola, né? As lembranças ruins são com a cor da pele. Ah, racismo, né? Que as pessoas tinham contra a gente, né?*

*Hoje eu me vejo como uma liderança quilombola também. A gente como liderança, tipo assim, tá de frente de tudo, né? Pra poder tá a comunidade indo pra frente, né? Pra poder a comunidade não ver a comunidade pra trás, não dar nada, pra poder não ver a comunidade assim, pra ver a comunidade feliz, né? Então a gente tem que lutar, pra não deixar a peteca cair. A minha mãe foi liderança. Foi guerreira!*

*O desejo de trabalhar na padaria mulheres quilombolas surgiu assim, né? Da minha irmã mais velha, né? Que ela sempre queria ter um trabalho pra poder também tá ajudando com uma renda, né? E, pra poder trabalhar, poder ter um benefício também pra poder eles ter um benefício pra poder ajudar na casa. Foi uma, essa experiência aí foi muito boa também né que a gente trabalhou muito fazendo biscoito, a levar também para a agricultura familiar. Foi muito bom. Quando eu comecei eu não sei, porque tipo assim, eu sou agente de saúde, e até então eu sempre quando elas tava atarefada pra poder fazer os pedidos pra poder entregar, aí então eu chegava do meu serviço e estava cansada, né? Aí eu ia descansar lá ajudando as meninas, mas eu não sei tipo assim, dia mesmo, né? Eu não sei, mas eu sempre assim, dava uma mãozinha pra elas, pra poder estar ajudando-as.*

Conheça mais sobre a autora:

Sobre Marilene Pereira



Apresentação

01.RACISMO

Mais ▾



Foto: Nadia Nascimento é moradora da Comunidade Quilombola São Pedro, em Ibirajú, ES e ajuda nos trabalhos desenvolvidos na Padaria Mulheres Quilombolas

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit)>.

Acesso em: 07 Set. 2021.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais

Madeira, julho 2021



Foto: Mulheres da Comunidade São Pedro, em Ibirapu-ES – Odeth e Marly são irmãs. Jamile (a mais jovem) é filha de Marly.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

## QUILOMBOS E QUILOMBOLAS NO BRASIL

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01. PADARIA MULHERES QUILOM... 02. GÊNERO COM COR E TERRITÓ... 03. QUILOMBOLO SÃO PEDRO Mais

04. QUILOMBOS E QUILOMBOLAS NO BRASIL

Foto: Caminho 02 – Placa da entrada da Comunidade Quilombos e de São Pedro

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit). Acesso em: 07 Set. 2021

Aqui nesta interação virtual almejamos apresentar os quilombos e quilombolas através do áudio visual, com documentários, entrevistas e filmes. Para tanto, também fazemos uso do livro Mulheres Quilombolas, de Selma Dealdina, que entabulou algumas discussões dentro da pesquisa.



Foto: Dicas de filmes no site.

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

## VAMOS REFLETIR SOBRE O RACISMO?



Foto: Caminho 05 – Racismo

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021

Neste caminho, trazemos dois livros bem atuais que poderão nos ajudar nessa reflexão: os livros *Racismo Estrutural*, do autor Silvio de Almeida, e *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamil Ribeiro, que são livros urgentes para os tempos atuais.

Contextualizando o assunto - Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE, trazendo um demonstrativo de dados entre o período 2012 a 2019, a população negra do país é composta por 108,9 milhões de pessoas, onde 19,2 milhões são pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos.

O fato de termos um quantitativo maior de negros formando a população brasileira não se reflete de maneira positiva para essa população. O sistema de exclusão social produz falta de oportunidades em diversos segmentos, tornando esse segmento da população o mais desvalorizado da sociedade e, portanto, minoria nos espaços de poder. Porém, os negros são maioria nos subempregos, nas atividades informais, nas estatísticas de homicídio e encarceramento.

Tendo em vista que estamos trabalhando com foco na temática feminina, abordaremos com mais ênfase os dados que demonstram como o racismo afeta a vida das mulheres negras, como por exemplo o fato de as mulheres negras constituírem o principal grupo de risco nos casos de feminicídio. Os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019 mostram que 61% das mulheres que sofreram feminicídio no Brasil eram negras.

Essas questões são pontos de partida para refletirmos sobre o racismo e seus efeitos perversos na vida de negras e negros em todo o Brasil.

Conheça mais sobre a autora: Sobre Marilene Pereira

Diálogos Virtuais Apresentação 01.RACISMO Mais Q

**Quem é Silvio de Almeida?**

É jurista e filósofo. Doutor em filosofia e teoria geral do direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Foto: Silvio Almeida

Fonte: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/silvio-almeida-estado-racista-e-crise-do-capitalismo/>

Seu livro "Racismo Estrutural", da

Foto: Quem é Silvio Almeida?

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

É jurista e filósofo. Doutor em filosofia e teoria geral do direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Seu livro “Racismo Estrutural”, da coleção Feminismos Plural, está na lista em 4º lugar como um dos mais vendidos no país (dados da Revista Veja, julho de 2020). Seus livros publicados são: Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

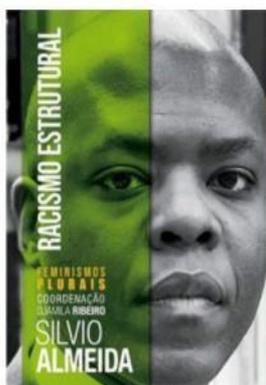
Sartre - direito e política: ontologia, liberdade e revolução. São Paulo: Boitempo, 2016.

O Direito no Jovem Lukács: A Filosofia do Direito em História e Consciência de Classe. São Paulo: Alfa Ômega, 2006.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais Apresentação 01.RACISMO Mais 

## O livro “Racismo Estrutural”



Em 2018 Silvio Almeida lançou o livro Racismo Estrutural, pela Editora Pólen, com o Selo Sueli Carneiro e coordenação de Djamila Ribeiro.

No livro Almeida (2018, pág. 24) ao fazer referência à etimologia do termo

Foto: O livro Racismo Estrutural  
Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIermxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIermxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Em 2018, Silvio Almeida lançou o livro Racismo Estrutural, pela Editora Pólen, com o Selo Sueli Carneiro e coordenação de Djamila Ribeiro. No livro, Almeida (2018, p. 24), ao fazer referência à etimologia do termo raça, evidencia que “a noção de raça como referência as distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI”. Para o autor (2018, p. 32), o racismo “[...] é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertença”.

## VAMOS REFLETIR COM DJAMILA RIBEIRO?



# Vamos refletir com Djamila Ribeiro



## Quem é Djamila Ribeiro?

Foto: Quem é Djamila Ribeiro.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

## O livro “O Pequeno Manual Antirracista”



Foto: Capa do Livro Racismo Estrutural.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1ypxARURvLLImEU4v3kvidh8lg569n58s/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

O livro lançado em 2019 pela Editora Companhia das Letras é um convite à reflexão!! Sim, Djamila Ribeiro convida toda a sociedade a questionar os aspectos do racismo que estão intrínsecos na mesma. Também apresenta possibilidade para aprendermos mais sobre o racismo e suas raízes. Dessa maneira, a autora faz um passeio por temáticas como atualidade do racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos.

Na introdução de seu livro, Ribeiro localiza o leitor sobre racismo estrutural e aponta a urgência de postura antirracistas. Assim, de forma simples e direta, faz menção à luta do Movimento negro:

Movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas.

É posto um problema social amplamente reverberado por ativistas negros que está impregnado na estrutura social brasileira.

## QUEM É SELMA DEALDINA?

Selma Dealdina é Quilombola do Angelim III, Território do Sapê do Norte. É assistente Social e atua na Assessoria da Coordenação Estadual das Comunidades quilombolas do Espírito Santo 'Zacimba Gaba', Coletivo de Mulheres da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), e organizadora do livro “Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas”. Integrante da Via Campesina, Núcleo da Marcha das Mulheres Negras do Espírito Santo; Conselheira da Anistia Internacionale do Fundo Socioambiental CASA.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

 Apresentação 01.RACISMO Mais 

# Vamos refletir com Selma Dealdina



## Quem é Selma Dealdina?



Foto: Selma Dealdina.

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit)>. Acesso em: 7 Set. 2021.

## O Livro Mulheres Quilombolas – território de existências negras

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais Apresentação 01.RACISMO Mais 

### O Livro Mulheres Quilombolas - territórios de existências negras femininas



Selma Dealdina é organizadora do livro que é composto por histórias, artigos, textos, versos e poemas de 18 mulheres quilombolas de comunidades de todo o país. A obra foi publicada no

Foto: Capa do livro Mulheres Quilombolas

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1dspvwOKmbCIxqYuMTOvCaz299wtZUU3W/edit)>. Acesso em: 7 Set. 2021.

Selma Dealdina é organizadora do livro, que é composto por histórias, artigos, textos, versos e poemas de 18 mulheres quilombolas de comunidade de todo o país. A obra foi publicada no final de outubro pela Editora Jandaíra, sendo a primeira do Selo Sueli Carneiro.

O livro apresenta a pluralidade que podemos encontrar nas mulheres quilombolas de todo o país, e essas mulheres tratam de temáticas que perpassam suas vidas, como: agricultura, saúde, resistência e educação, possibilitando a chance de compreender a realidade dos quilombos no Brasil.

Em nossa pesquisa, debruçamo-nos sobre algumas reflexões contidas no referido livro. Como pensamos em ampliar o conhecimento a respeito das comunidades quilombolas pelo viés das mulheres, falas como a de Givania Silva foram de extrema importância, onde a autora afirma que as mulheres quilombolas ainda são invisibilizadas:

[...] questões relevantes referentes a atuação das mulheres quilombolas em seus respectivos territórios têm sido pouco discutidas destacando que: [...] pouco se sabe ou ainda são muito escassos os registros sobre o papel central das mulheres na constituição e na manutenção da vida política e cultural do quilombo (SILVA, 2020, p. 54 - no livro Mulheres Quilombolas: territórios de existências femininas).

## FEMINISMO NEGRO

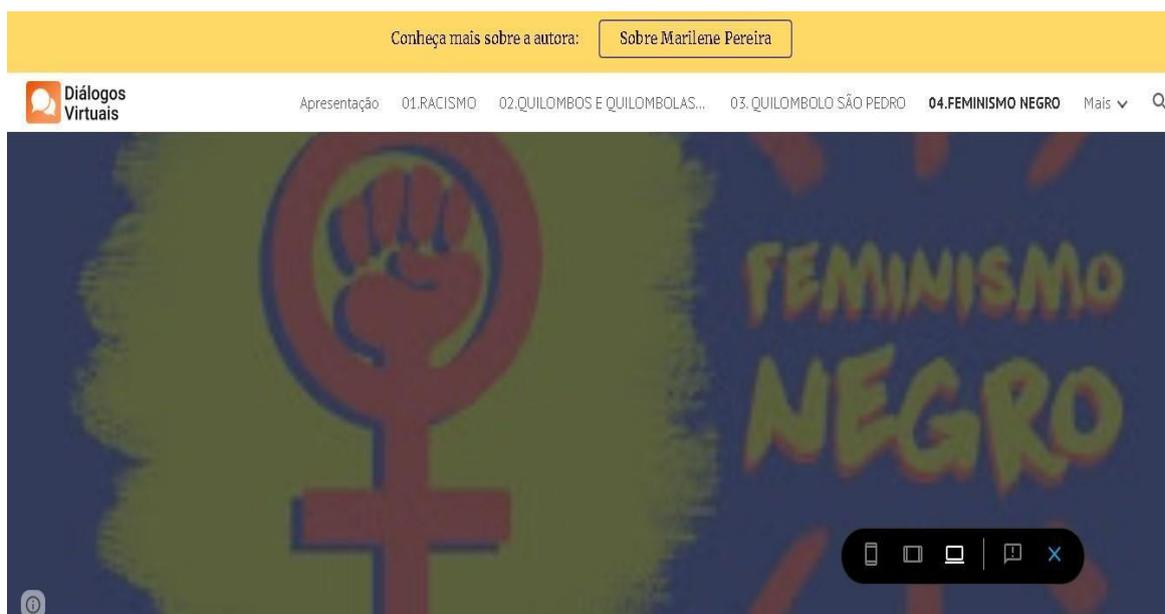


Foto: Abertura do Caminho 04 – Feminismo Negro.

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

A partir de um olhar mais detalhado na história do feminismo no mundo e no Brasil, são perceptíveis as contradições no movimento. Diante dessas, mulheres negras tomam conhecimento do que de fato representava o movimento feminista e que conseguem se desvencilhar do discurso de sororidade existente no interior desse movimento, sendo, na realidade, uma sororidade seletiva. Nesse sentido, começam a questionar o lugar das mulheres brancas que dominavam o discurso feminista, silenciando as mulheres negras, e, conseqüentemente, obstaculizando a pluralidade.

Em contexto internacional, um marco para o feminismo negro é o discurso de Sojourner Truth, intitulado “E eu não sou uma mulher?”, do ano de 1951. Este é considerado um legado para o feminismo negro, uma forma pioneira de reivindicação e demonstração de que as mulheres negras não estavam sendo contempladas no rol de reivindicações das não negras, estando estas, socialmente, à própria sorte. Assim,

[...] Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam

um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida? Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer (SOJOURNER, apud RIBEIRO, 2019, p. 19).

Deixamos aqui um vídeo do mesmo discurso declamado amplamente, por conta de sua importância:

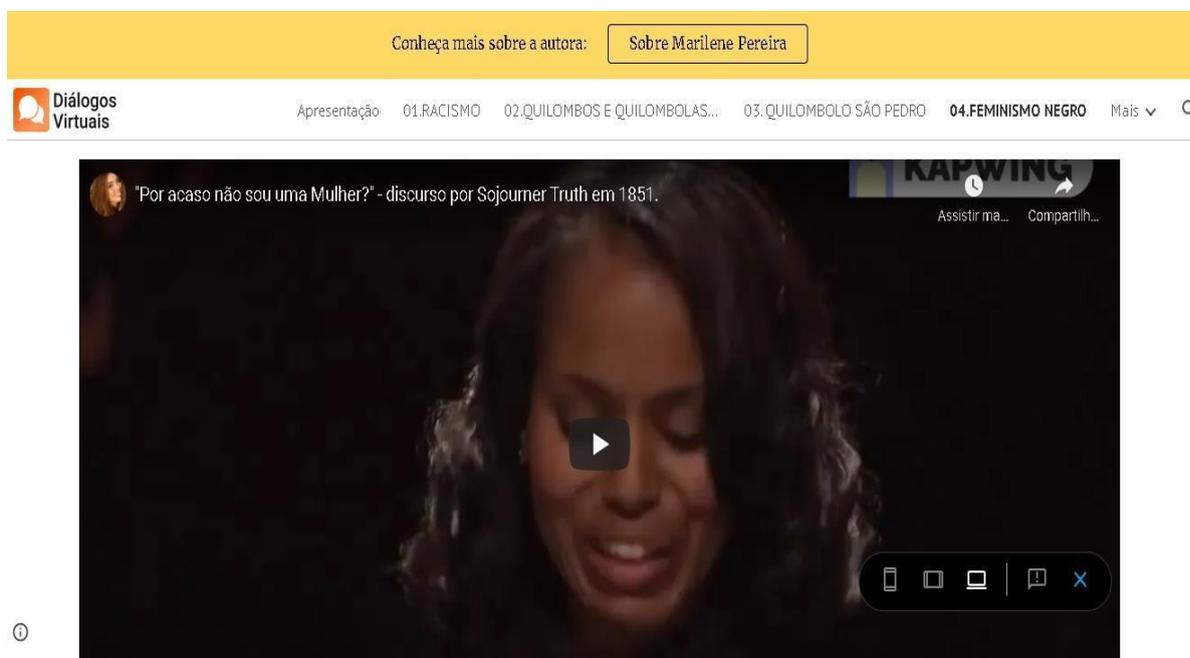


Foto: “Por acaso não sou mulher?” – Discurso por Sojourner Truth, em 1851.

Fonte: Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=gTHm\\_Zeok5c](https://www.youtube.com/watch?v=gTHm_Zeok5c)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

## FEMINISMO NEGRO – AS NORTE AMERICANAS

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais ▾ 🔍



Foto: Angela Davis

Fonte:  
<https://azmina.com.br/report-agens/9-pensadoras-negras->



Foto: Momento de tietagem - Marilene com Angela Davis, em coletiva de imprensa durante o Encontro Nacional

Foto: Angela Davis e Momento de tietagem - Marilene com Angela Davis, em coletiva de imprensa durante o Encontro Nacional de Mulheres Negras 30 anos: Contra o Racismo e a Violência e Pelo Bem Viver – Mulheres Negras Movem o Brasil” realizado em Goiânia/Goiás, no ano de 2018.

Fonte: [https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais ▾ 🔍



Foto: Bell hooks

Fonte:  
<https://medium.com/grifapod>

Bell Hooks, é uma aclamada autora feminista, nascida em 1952. A autora escreveu mais de 30 livros e transformou em sua tarefa de vida derrubar sistemas de opressão e dominação.

Foto: Bell hooks.

Fonte: [https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais Apresentação 01.RACISMO Mais



Foto: Audrey Lourde

Fonte:

<https://claudia.abril.com.br/cultura/audre-lorde-potencia-que-transcende-o-tempo/>

[tura/audre-lorde-potencia-que-transcende-o-tempo/](https://claudia.abril.com.br/cultura/audre-lorde-potencia-que-transcende-o-tempo/)

Foto: Audrey Lourde.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Audrey Geraldine Lorde foi uma escritora feminista, mulherista e ativista dos direitos civis e homossexuais.

Norte-americana de descendência caribenha. Lorde teve entre seus esforços mais notáveis foi o trabalho militante com as mulheres afro-alemãs na década de 1980.

## FEMINISMO NEGRO - AS BRASILEIRAS

Em contexto brasileiro, destacamos aqui Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Winnei Bueno e Djamila Ribeiro como grandes expoentes do Feminismo Negro. No site, o leitor encontra informações sobre cada uma dessas mulheres.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais Apresentação 01.RACISMO Mais

Em contexto brasileira destacamos Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Winnei Bueno, Djamila Ribeiro como grandes expoentes do Feminismo Negro.



Foto: Sueli Carneiro e Lélia Gonzales.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.



Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais 



Foto: Conceição Evaristo

Fonte: <https://azmina.com.br/report>

Foto: Conceição Evaristo.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais 



Foto: Winnie Bueno

Fonte:

Foto: Winnie Bueno

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

## INTERSECCIONALIDADE



Foto: Abertura do Caminho 05 – Interseccionalidade.

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

O tema da interseccionalidade surgiu a partir de conversa com um amigo do mestrado que citou duas autoras americanas, Patricia Hill Collins e Kimberlé Crenshaw. A leitura dessas autoras trouxe a percepção de que as autoras negras brasileiras também discutiam sobre marcadores sociais e como esses afetavam a vida das mulheres negras negativamente, só que não denominavam de interseccionalidade.

## QUEM CRIOU O CONCEITO TEÓRICO DE INTERSECCIONALIDADE?



Foto: Kimberlé Crenshaw.

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

## Quem é Kimberle Crenshaw?

Uma professora de direito da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. É ativista dos direitos civis americana e uma importante estudiosa da teoria crítica da raça. Crenshaw é conhecido pela introdução e desenvolvimento da teoria interseccional - o estudo de como identidades sociais sobrepostas ou cruzadas, particularmente identidades minoritárias, relacionam-se com sistemas e estruturas de opressão, dominação ou discriminação.

Ler o artigo “A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero” (2001) se traduz em um primeiro passo dentro deste caminho que trata de Interseccionalidade. Nele, a autora conta uma experiência pessoal que a motivou a estudar e criar uma estrutura que permitisse identificar a discriminação racial e a discriminação de gênero, bem como compreender melhor como essas discriminações operam juntas. Segundo Crenshaw, essas discriminações, juntas, limitam o sucesso das mulheres negras.

## ALGUMAS DICAS



Foto: Kimberle Crenshaw – A urgência da Interseccionalidade.

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxxccdrSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxxccdrSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais

Apresentação 01.RACISMO Mais ▾

## Algumas dicas



Foto: Algumas dicas Kimberle Crenshaw.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxxccdrSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxxccdrSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

## CONTINUANDO O ASSUNTO...

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

Diálogos Virtuais

Apresentação 01.RACISMO 02.QUILOMBOS E QUILOMBOLAS... 03.QUILOBOLO SÃO PEDRO 04.FEMINISMO NEGRO Mais ▾

### Continuando o assunto... Patricia Hill Collins

Foto: Patricia Hill Collins.

Fonte:

[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxxccdrSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxxccdrSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Socióloga, ativista, é conhecida por seus trabalhos e pesquisas sobre gênero, raça e relações de classe sob a ótica da Interseccionalidade. Dentre suas publicações de maior destaque está o *Black Feminist Thought*, de 1990, seu primeiro livro.

Para Collins e Bilge (2020), interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas, moldando-se mutuamente. Nessa perspectiva, a interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

### DICA – O livro Interseccionalidade:



Foto: Capa da edição do livro Interseccionalidade.

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxccdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxccdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

### Dica de vídeo com Patricia Hill Collins



Foto: Vídeo Raça, gênero e classe: coalizões políticas.

Fonte:

<[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxccdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxccdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

## (IN) CONCLUSÕES DO CAMINHO



Foto: Abertura do Caminho 06 – (In) Conclusões do Caminho.

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwccdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwccdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

As inconclusões do caminho referem-se ao fato de que este site será posteriormente revisado e frequentemente atualizado, além de que compartilharemos, nele, o caminho que as mulheres da Padaria Mulheres Quilombolas estão trilhando, falando com frequência sobre esse Empreendimento Econômico Solidário, como estão gestando o empreendimento ainda em contexto de pandemia, entre outros assuntos pertinentes, que serão apresentados em fotos em modo carrossel.

Nessa proposta, as fotos falam por nós:



Foto: Retornando da Padaria Mulheres Quilombolas.

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwccdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwccdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

## CONHEÇA A AUTORA DO SITE – MARILENE PEREIRA

### MEU LUGAR DE FALA: UMA NARRATIVA PESSOAL DE UMA MULHER NEGRA

Djamila Ribeiro (2019) apresenta uma análise sobre a importância dos lugares de fala. Desta maneira, a reivindicação por voz pode ser ao mesmo tempo uma reivindicação ao direito à própria vida. É de conhecimento público que, durante muito tempo, as mulheres não tiveram direito à voz, a expressar suas opiniões ou a manifestar suas preocupações, suas angústias e se posicionar socialmente a respeito de si próprias.

Ao falar de mim, apresento-me como mulher negra, ativista social, administradora de empresas, produtora cultural e, ainda, especialista em Educação Profissional e Tecnológica/IFES e Educação Empreendedora/UFSJ. Integrante do Movimento Negro Unificado, diretora do Coletivo Afoxé/ES, membra do Colegiado NEAB/UFES e voluntária no Cursinho Popular Tereza de Benguela.



Foto: Abertura do Caminho 07 – Conheça a autora do site – Marilene Pereira.

Fonte: <[https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwwxcdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit)>. Acesso em: 07 Set. 2021.

De maneira resumida e orgulhosa, digo que os frutos relacionados a minha atuação como Educadora do Arco de Administração de Empresas, Militante do Movimento de Mulheres Negras, ativista cultural e estudante são:

### **ARTIGOS PUBLICADOS:**

PEREIRA, MARILENE. A.; Forde, Gustavo Henrique Araújo . Acesso e Permanência da População Negra na Educação Profissional: análise da trajetória do Campus Ifes. In: Ilzina Maria da Conceição Medeiros; Eliana Maria da Silva Madeira Lourenço; Miriam Albani; Maria Isolina de Castro; Alexandre Jacob. (Org.). **Educação profissional e tecnológica: práticas e trajetórias de pesquisa**. 1. ed. Colatina: Instituto Federal do Espírito Santo, 2012. v. 1. 183 – 206 p.

BEZERRA, M. S.; PEREIRA, M. A. A contribuição da Pedagogia Empreendedora para o Empreendedorismo Social. In: André Cristovão Souza e Deborah Miranda Alvares. (Org.). **Diálogos em Educação: emancipação e cultura**. 1ed.Itapiranga/SC: Editora Schreiben, 2021, v. 1, p. 7-27. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1ofDJszIm6PfQs9hdS0uGAC8AKrtILoC0/view>>. Acesso em: 07 Set. 2021.

Idealizadora do Seminário Somos Todas Terezas - gênero, raça, arte, cultura, interseccionalidade, religiosidade e ações políticas entre as mulheres negras

### **O que foi o Seminário Somos Todas Terezas?**

Evento online e gratuito que reuniu pesquisadoras, ativistas do Movimento Negro e Movimentos Sociais para discutir Interseccionalidade e dar visibilidade ao Dia Nacional de Tereza de Benguela. O dia 25 de julho é também conhecido como o Dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha. No Brasil, a Lei 12.987/2014 instituiu oficialmente a data como Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, em homenagem à líder do Quilombo do Quariterê, reafirmando, assim, a identidade, a história, a cultura e as reflexões sobre a realidade da mulher negra brasileira, latino-americana e caribenha.

Em síntese, o seminário visa constituir-se enquanto espaço de divulgação, circulação e promoção de artistas negras, pesquisadoras negras, estudantes, movimentos sociais e outras organizações, sob a perspectiva de diálogo entre os povos afro-brasileiros, onde o debate sobre arte, cultura e políticas públicas relacionadas às mulheres negras em geral sejam prioridade.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais 




Abertura do seminário – Mesa 1: A interseccionalidade e as ações políticas entre as mulheres negras

Mesa 2: Mulheres Negras, Artes e Resistência Quilombola

Foto: Abertura do seminário – Mesa 1: A interseccionalidade e as ações políticas entre as mulheres negras e Mesa 2: Mulheres Negras, Artes e Resistência Quilombola.

Fonte: [https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxccdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxccdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

Conheça mais sobre a autora: [Sobre Marilene Pereira](#)

**Diálogos Virtuais** Apresentação 01.RACISMO Mais 




Abertura do seminário – Mesa 1: A interseccionalidade e as ações políticas entre as mulheres negras

Mesa 2: Mulheres Negras, Artes e Resistência Quilombola

Foto: Mesa 3: Arte, Cultura e Religiões de Matriz Africana e Lançamento de livros e difusão artística cultural.

Fonte: [https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY\\_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxccdRSL\\_I18QsqHj1eTEXh/edit](https://sites.google.com/d/17R-FkqizvToaDaoOtlpY_3c9DIcrmxK0/p/1NhrUgByjwxccdRSL_I18QsqHj1eTEXh/edit). Acesso em: 07 Set. 2021.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão/UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, v.7, n.12, p.171-188, 2002.

DEALDINA, Selma Santos dos (org.). Mulheres Quilombolas: Territórios de Existência Feminina. São Paulo: Selo Sueli Carneiro; Pólen. 2020.

GUI09GUI. Comunidade Quilombola de Monte Alegre ES: diversidade cultural e sustentabilidade. YouTube, 25 Set. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oTWqtnpoc2E&t=3s>>. Acesso em: 10 Set. 2021

OGUN, Akin. Rede Mocambos – Quilombos do Espírito Santo. YouTube, 19 Mar. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nzVWdpo8pOo>>. Acesso em: 10 Set. 2021.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo. Companhia das Letras. 2019.

SÁ, Ricardo Salles de. Saborosas memórias quilombolas. YouTube, 3 Abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0Au0VmQ1vR4>>. Acesso em: 10 Set. 2021.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul e SOUZA, André Ricardo de (orgs). **A economia solidária no Brasil**: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000. p. 11-28.

TAB UOL. Vida no quilombo – Quilombolas preservam tradições, mas não querem parar no tempo. YouTube, 12 Jun. 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=fmT1SNAmijE>>. Acesso em: 10 Set. 2021.

UFES, Balcão de Direitos. Comunidade Quilombola São Domingos\_Sapê do Norte. ES. YouTube, 21 Abr. 2012. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=X53JJuK0BaQ>>. Acesso em: 10 Set. 2021.

VANTI, N. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago., 2002. Disponível em: . Acesso em: julho de 2021. ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.